

Um exemplo de um acontecimento psicofísico, envolvendo o arquétipo da morte, foi registrado pelo próprio Jung. Ele relatou, em suas memórias, que estava deitado, acordado, pensando na morte súbita de um amigo, cujo funeral acabara de ser realizado. "Subitamente", escreveu Jung, "eu senti que ele estava no quarto." Jung não estava certo se isso era uma aparição ou uma "imagem visual interior", mas foi compelido a seguir a figura, sair para o jardim, para a rua e, finalmente, a ir até a casa que fora do amigo. Ambos entraram, a aparição subiu numa cadeira e "mostrou-me o segundo livro de uma coleção de cinco, com encadernação em vermelho, que estava na segunda prateleira a partir do topo". Na manhã seguinte Jung foi visitar a viúva do homem e pediu para ver alguma coisa lá em cima, na biblioteca. Encontrou a fileira que tinha "visto" na noite anterior: ali estavam os cinco livros encadernados em vermelho; obras de Emile Zola. Ele apanhou o segundo volume; intitulava-se *O Legado dos Mortos*.

É fácil ficar intrigado e até mesmo irritado com o perene vaivém de Jung, entre a crítica e a não-crítica. Mas justamente essa falta de dogma foi um tipo de sinceridade, do seu estar em constante processo de tomar uma decisão em público. Em relação ao Desconhecido, Jung sentiu que a diferença entre ele e a maioria das pessoas era que, para ele, a "parede divisória" era transparente. "Outros", escreveu ele, "acham essas paredes tão opacas que nada vêem além delas e, assim sendo, pensam que nada está ali". Jung tentou comunicar sua própria visão em torrentes de palavras. Lembramo-nos do modo como ele combateu ou acalmou os mortos inquiridores, com seus *Sete Sermões*; por toda a sua vida ele continuou escrevendo, volume após volume, num esforço para derrotar a confusão, para esclarecer e daí, então, esclarecer o esclarecimento.

Jung não encontrou compreensão até de si mesmo por si mesmo. Também não pôde fazer chegar aos outros, de forma integral, essas cascatas de sentimentos, de entendimento, de clareza cristalina sob as trejeantes ondas de rebentação da perplexidade. Que ninguém recorra a Jung em busca de certeza, muito menos no que diz respeito ao oculto. Ele mesmo falou, no fim de suas memórias: "Estou atônito, desapontado e contente comigo mesmo, estou perturbado, deprimido e entusiasmado. Sou todas essas coisas ao mesmo tempo e não posso tomar as parcelas. Sou incapaz de determinar o que é de

suprema importância e o que não tem importância nenhuma; eu não tenho opinião sobre mim mesmo e sobre a minha vida. Não existe nada sobre que eu tenha absoluta certeza."

15

## YEATS: A PERENE VISÃO DE UM POETA

Stephen Spender falou por uma geração de poetas anglo-saxões, quando saudou William Butler Yeats (1865-1939) como "uma figura isolada na literatura moderna". Como poeta, dramaturgo, ensaísta e eloqüente porta-voz de uma Renascença irlandesa, em cultura tanto quanto em autonomia, Yeats erigiu-se realmente sozinho. Spender escreveu em *The Criterion* (Londres, outubro, 1934) que o trabalho de Yeats foi afetado por três fatores principais: "a influência da transformação da vida social, durante sua vida e a de seus amigos; a influência dos seus interesses pela magia; a influência de teorias simbolistas de poesia". Spender, porém, como muitos outros críticos e biógrafos de Yeats, ficou perplexo ante a fascinação do poeta pelo sobrenatural; ele presumiu que a magia estivera tão estreitamente associada com a infância irlandesa de Yeats e que o poeta ficou "tão acostumado a pensar e a falar em fantasmas e fadas que é improvável que pudesse ter escapado completamente da influência deles".

Entretanto, Yeats não transportou, exatamente, as memórias de sua infância para seus escritos e pesquisas, sem submetê-las a um contínuo escrutínio e amplificação. Spender considerou a síntese que Yeats fez de suas idéias, relativas ao sobrenatural, como em absoluto paralelo com os modernos conceitos parapsicológicos. Conforme estão arroladas na obra de Yeats, *Essays and Introduction* [Ensaaios e Introdução], estas conclusões foram:

"Eu creio na prática e na filosofia do que concordamos chamar de magia, no que eu posso chamar de invocação de espíritos... nas visões da verdade, jacentes nas profundezas da mente quando os olhos estão fechados, e eu acredito em três doutrinas...